

## **A SINONÍMIA E A CONTINUIDADE PREDICATIVA COMO RECURSOS PRODUTIVOS NUMA AULA DE LEITURA E ANÁLISE LINGUÍSTICA**

LOULA, Laura Dourado  
Universidade Federal da Paraíba  
[douradoloula@gmail.com](mailto:douradoloula@gmail.com)

**RESUMO:** O objetivo desse trabalho é apresentar uma proposta de atividade de leitura e análise linguística baseada nos postulados da Semântica Lexical, precisamente a sinonímia e a continuidade predicativa, como possibilidade de ampliação de tal prática no ensino de língua materna. Embasados Lyons (1979), Lopes e Pietroforte (2004) e Antunes (2012), elaboramos uma proposta de atividade a partir de uma crônica produzida por um aluno do 8º ano do ensino fundamental de uma instituição particular de ensino. Ademais, trabalhamos especialmente com a classe de palavras ‘adjetivo’, numa perspectiva que se pretende epilinguística, na medida em que parte da reflexão sobre o uso dos adjetivos na crônica até a uma elaboração, pelo próprio aluno, de um conceito de adjetivo. Verificamos, pois, que é possível a exploração desses recursos semânticos na constituição de um elo, um nexos que marca a continuidade do texto e que, portanto, contribui para sua coerência. Mais ainda, observamos que é possível conciliar a percepção e a análise desses recursos semânticos, respeitando as especificidades do gênero textual em questão, com as categorias da gramática tradicional, sem necessariamente reproduzir um estudo das listas improdutivas de sinônimos, ou persistir num estudo nada funcional da classe de adjetivos.

**PALAVRAS-CHAVE:** semântica lexical; sinonímia; crônica; análise linguística; adjetivo.

### **1. Introdução**

Com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (doravante PCN) para 3º e 4º ciclos – 5ª a 8ª séries –, no final da década de noventa do século passado, e a implementação do programa de avaliação de livros didáticos através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), a noção de gêneros textuais orais e escritos, articulada às noções de texto e letramento, passa a constituir o objeto de ensino da leitura, da escrita e da análise linguística.

No que se refere ao ensino de gramática, de acordo com Aparício (2006), a proposta dos PCN funciona como uma resposta às críticas feitas ao ensino tradicional de gramática nas décadas de 1980 e 1990, dentre elas a prática de uso do texto como pretexto para o tratamento de aspectos gramaticais. Tendo isso em vista, os PCN propõem o eixo da reflexão sobre a língua ou da prática de análise linguística. Para Costa Val (2002), entretanto, a disseminação das propostas contidas nos PCN e no PNLD não impediu que os professores de língua materna continuassem reproduzindo os mesmos modelos didáticos: retira-se ao menos uma frase do texto que ilustre o tópico em estudo, em seguida, apresenta-se uma variedade de outros exemplos, tomando-se o cuidado de selecionar apenas aqueles que não contradigam a regra; em caso de desvio, convém maquiá-lo.

A razão desse e de outros problemas relacionados ao ensino gramatical talvez resida no fato de que os conteúdos para as práticas do eixo “reflexão sobre a língua ou prática de análise linguística” exigem uma compreensão mais acurada dos professores e implicam uma rediscussão do ensino de gramática em geral e, em particular, do que se tem chamado de gramática funcional ou gramática no texto ou ainda das ditas atividades epilinguísticas e

metalinguísticas, atitudes essas muito raras em nosso ambiente educacional, segundo Rojo (2000, p. 32). Para uma melhor compreensão desse último ponto citado por Rojo, diríamos que, especificamente, nos PCN (1999), a análise linguística é definida como as atividades que se podem classificar em epilinguísticas e metalinguísticas. Apesar de ambas corresponderem a atividades de reflexão sobre a língua, elas se diferenciam nos seus fins. Nas atividades epilinguísticas a reflexão está voltada para o uso, no próprio interior da atividade linguística que realiza. Já as atividades metalinguísticas estão relacionadas a um tipo de análise voltada para a descrição, por meio da categorização e sistematização dos elementos linguísticos.

Para além da ausência dessas atividades epilinguísticas e metalinguísticas em nosso ambiente educacional, estaria a não-articulação entre os dois eixos básicos da Língua Portuguesa, de acordo com esses documentos oficiais: o uso da língua oral e escrita e a reflexão sobre a língua e a linguagem, e, mais especificamente, entre a prática de escuta e de leitura de textos, prática de produção de textos orais e escritos – ambas relacionadas ao eixo uso – e prática de análise linguística – relacionada ao eixo reflexão. Faz-se prática constante em nossas salas de aula o estudo desarticulado entre uso e reflexão da língua, o que acaba por promover no aluno uma visão equivocada de independência entre o uso real da língua e os conteúdos de gramática.

Partindo dessas ideias e embasados na teoria da Semântica Lexical, segundo os conceitos de sinonímia de Lyons (1979) e Lopes e Pietroforte (2004), e de continuidade predicativa em Antunes (2012), o objetivo desse trabalho reside, pois, em apresentar uma proposta de aula de leitura e análise linguística a partir de uma crônica produzida por um aluno do 8º ano do ensino fundamental de uma instituição particular de ensino. Nossa compreensão é a de que a produção da inovação no ensino de gramática refere-se à adoção de uma abordagem de Língua Portuguesa com foco na articulação entre texto, gênero e gramática como sugerem os documentos oficiais. Para tanto, dispusemo-nos, pois, a construir atividades que integrassem essas noções, na tentativa de substituir a prática de uso do texto como pretexto por um tratamento funcional de aspectos linguísticos.

No que se refere ao conteúdo gramatical, trabalhamos especificamente com a classe de palavras ‘adjetivo’, numa perspectiva que se pretende epilinguística, na medida em que parte da reflexão sobre o uso dos adjetivos na crônica até a uma elaboração, pelo próprio aluno, de um conceito de adjetivo. Antes, porém, de passarmos à análise da atividade propriamente dita, julgamos conveniente apresentar os conceitos sinonímia, continuidade predicativa e o de adjetivo adotados neste trabalho.

## **2. Sinonímia e continuidade predicativa na Semântica lexical**

A definição de sinonímia defendida por Lyons (1979) é construída a partir de uma objeção feita à noção Ullmann (1987) de que só podemos considerar sinônimas “as palavras que se podem substituir em qualquer contexto, sem a mais leve mudança ou no sentido afetivo ou no sentido cognitivo” (Ullmann in Lyons, 1979, p. 476). Assim, a sinonímia total, afirma Lyons, “é um fenômeno raro na língua, uma vez que há poucos sinônimos perfeitos, se é que, de fato, eles existem.” (p. 476)

De acordo com Lyons (1979), a sinonímia não diz respeito apenas à relação de sentido existente entre as palavras, mas pode decorrer em função do contexto. Partindo dessa premissa, uma dada informação pode ser, na língua, determinada sintagmática ou paradigmaticamente, o que dependerá das escolhas lexicais feitas pelo falante, além do contexto em que o mesmo está situado. Dessa maneira, vale salientar que a grande contribuição de Lyons é, portanto, evidenciar que a sinonímia é dependente do contexto.

Seguindo o mesmo raciocínio, Lopes e Pietroforte (2004) consideram que dois termos são chamados sinônimos, quando apresentam a possibilidade de se substituir um ao outro em determinado contexto. ‘Novo’ é ‘sinônimo de jovem’, porque, no contexto homem novo, pode ser substituído por ‘jovem’. No entanto, não existem sinônimos perfeitos, porque eles não são intercambiáveis em todos os contextos. Isto significa que no discurso, o enunciador pode tornar sinônimas palavras ou expressões que em outro contexto não o são.

Para Antunes (2012), “a principal função da sinonímia se manifesta no âmbito do texto, quando a ocorrência de uma palavra e de seu sinônimo cria e sinaliza nexos de continuidade e sinais de unidade”. (p. 78)

De modo complementar a esta função coesiva da sinonímia, Antunes define a continuidade predicativa: “é aquela que resulta dos laços criados no âmbito da predicação, ou seja, no âmbito do que *se afirma*, do que é *predicado* acerca dos indivíduos referidos.” (p.77). Antunes acrescenta ainda que a continuidade predicativa tem como núcleo, sobretudo, verbos e adjetivos. A seguir, apresentamos o conceito de adjetivo considerado para este trabalho.

### 3. Por um conceito ampliado de adjetivo

Na tentativa de abarcar as funções que podem vir a ser desempenhadas pelos adjetivos, Neves (2000) distribui-os em duas subclasses, a saber:

Qualificadores ou qualificativos, que indicam, para o substantivo que acompanham, uma propriedade que não necessariamente compõe o feixe das propriedades que o definem. Diz-se que esses adjetivos qualificam o substantivo, o que pode implicar uma característica mais ou menos subjetiva, mas sempre revestida de certa vaguidade. Essa atribuição de uma propriedade constitui um processo de predicação, e, por isso, esses adjetivos podem ser considerados de tipo predicativo: Nossa vida SIMPLES era RICA, ALEGRE e SADIA. (ANA) (p. 184)

Classificadores ou classificatórios, que colocam o substantivo que acompanham em uma subclasse, trazendo em si uma indicação objetiva sobre sua subclasse. Eles constituem, pois, uma verdadeira denominação para a subclasse, e, portanto, são denominativos, e não predicativos, possuindo um caráter não-vago: Interessam-nos todas as companhias de indústrias ALIMENTÍCIAS, que entraram com fortes somas.(BH) (p. 186)

A partir das considerações da autora, observamos uma certa “flexibilidade” no tratamento do adjetivo. Dependendo do contexto em que aparecem, os adjetivos podem ser substantivados ou exercer, de fato, a função de adjetivos; podem admitir a função de qualificadores, ou, simplesmente, classificar o substantivo que acompanham. Por essa razão, concordamos com Maher (1987, p. 86) quando argumenta: “Nesta nova perspectiva, as definições não são mais suficientes, nem mesmo necessárias, já que é no contexto que o significado do adjetivo se constrói”.

Apoiados nessa proposição de Maher, elaboramos, para o estudo do adjetivo, atividades que se aproximam do que poderia se considerar “gramática reflexiva”, ou atividades epilinguísticas, na medida em que partem da reflexão sobre o uso/escolha do item gramatical para, ao final, focalizar sua conceituação, atividade metalinguística. A seguir, transcrevemos a crônica a partir da qual construímos as atividades<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Em anexo, apresentamos as questões da referida atividade em sua totalidade.

- Leia a crônica abaixo, escrita por um colega de vocês, e responda ao que se pede:

## TEXTO

### Coisa de criança

Depois de um dia cansativo, trabalhando, um chefe daqueles... no caminho de casa, só pensava na minha bela cama, linda que só ela, um travesseiro fofo e confortável. Nunca tinha ficado tão cansado na vida. Chegando no meu perfeito lar, dei um beijo em minha querida esposa e em meu filho Caio, que está naquela fase do “por quê?”. Não posso lhe negar alguma coisa que lá vem esse temido “por quê?”. Um dia desses pediu para ir brincar na rua, lhe neguei, aí veio a frase, como se por obrigação. Tentei cortar o mal pela raiz, dizendo: – Não, não e não, ponto final, não adianta insistir. Mas não me obedeceu, encheu tanto a minha paciência que estourei de raiva e permitir que fosse brincar. Quando cheguei na sala para tirar um cochilo, e já estava conseguindo meu objetivo, meu filho me acordou dizendo que queria me fazer uma pergunta. Eu disse – Ok, Caio! Que pergunta? E ele indagou: – Como eu vim ao mundo? Respondi: – Foi uma linda cegonha branca que lhe deixou em nossa porta, quando era bebê. Fazia pouco tempo que eu e sua mãe havíamos casado. Eu, inocente, achando que ele não iria intervir, me enganei. Terminando a minha resposta, ele me interrogou novamente: – Tem certeza, pai? Eu respondi: – Tenho sim meu filho. E ele, espontaneamente: – Por quê? Iludido, querendo interromper o interrogatório, falei: – Por que sim!

– Mas por que sim?

Sem paciência, aconselhei-o perguntar a sua mãe. Quando cochilava novamente, acordei com o grito que dizia: – Alberto cuide de seus problemas, não os mande para mim. E quando olhei para a porta estava lá, Caio andando devagar, tenebroso, como quem tem medo de ganhar alguma bronca das grandes. Com pena, tomei fôlego e comecei a explicar-lhe, dizendo: – A maioria dos casais depois de se casarem ganham um filhinho ou filhinha e depois que esses bebezinhos nascem, os papais vão buscar junto com suas mães nos hospital. Após terminar, Caio falou: Eu fui assim? Respondi: Sim, meu filho. E ele: – Mas o senhor ainda não respondeu a minha pergunta!

– Qual pergunta?

– Como eu vim ao mundo?

– Tá bom, meu filho. Você já é bem grandinho e merece saber a verdade!

– Que verdade, pai?

– Quando um homem e uma mulher estão apaixonados, eles se casam e a mulher engravida. Quando ela completa nove meses de gravidez, ela vai ao médico, que corta sua barriga e tira o bebê de lá de dentro.

– Comigo foi assim?

– Sim, meu filho!

Sem explicação Caio começa a chorar e no meio de seu pranto indaga:

– Mamãe é furada? Buááááá’...

Sem entender a situação, escuto um grito vindo da cozinha: – Alberto, seu doido, o que você fez?

(Autor: Aluno da 8º série do ensino fundamental)

## 4. O gênero crônica e a escolha do adjetivo

A crônica é um gênero textual que oscila entre literatura e jornalismo e, antes de ser reunida em livros, costuma ser veiculada em jornal ou revista. É um texto que narra de forma artística e pessoal fatos circunstanciais, situações corriqueiras do cotidiano, episódios

dispersos e acidentais, como, por exemplo, um flagrante de esquina, o comportamento de uma criança ou de um adulto, um incidente doméstico, etc. Geralmente, é um texto curto e leve, escrito com o objetivo de divertir o leitor e/ou levá-lo a refletir criticamente sobre a vida e os comportamentos humanos. O narrador pode ser do tipo observador ou personagem, emprega geralmente a variedade padrão informal e apresenta linguagem simples e direta, próxima do leitor. Trata-se de um gênero com poucas personagens, que se inicia quando o fato principal da narrativa está por acontecer. Por essa razão, o tempo e o espaço são limitados.

Com base nesses postulados, passamos, então, à análise da atividade proposta para o estudo da crônica selecionada. Inicialmente, apresentamos as questões de interpretação, na tentativa de recuperar o contexto, pois defendemos que o contexto da situação, juntamente com o contexto da cultura, limitam e definem as escolhas e as operações linguísticas elencadas paradigmaticamente, porque cada escolha linguística adquire relevância quando comparada às outras opções potenciais que poderiam ter ocorrido. (Halliday, 1994, p.19 e Eggins, 1994, p.3). Halliday (1989, p.7) chega a dizer que a relação entre texto e contexto é imprescindível, porque “um só pode ser interpretado com referência ao outro”. O primeiro é definido por Halliday como a realização, em termos linguísticos, das escolhas léxico-gramaticais feitas por um indivíduo de acordo com a função, com o tipo de interação e com o ambiente social dentro de um sistema de potenciais de significados.

Com base nessa relação entre contexto e escolha léxico-gramatical, apresentamos, inicialmente, as questões referentes à atividade de interpretação, com o objetivo de que o aluno reconstruísse o contexto ou, pelo menos, parte dele:

*Exemplo 1:*

1. a) *Qual a história contada pela crônica?*
- b) *Vocês a consideram engraçada? Por quê?*

2. d) *No décimo segundo parágrafo, Alberto narra:*

*Quando cochilava novamente, acordei com o grito que dizia: – Alberto cuide de seus problemas, não os mande para mim. E quando olhei para a porta estava lá, Caio andando devagar, tenebroso, como quem tem medo de ganhar alguma bronca das grandes.*

*Por que Caio estava tenebroso? Por que ele teria medo de ganhar uma bronca das grandes? Que fatos narrados anteriormente justificam esse medo de Caio?*

Do *Exemplo 1*, as questões 1a e 1b, correspondem à exploração do sentido global do texto, com a questão (1a) abordando o conteúdo temático. Já a questão 2d explora um aspecto pontual do texto, com vistas a fatos narrados anteriormente.

Nas questões de análise (1c) e (2a) do *Exemplo 2*, a seguir, indagamos sobre o uso do adjetivo na “crônica” e não apenas no limite da frase.

*Exemplo 2:*

1. c) *No início da crônica, o narrador faz uso de uma palavra para descrever como foi o dia de trabalho de Alberto. Que palavra é essa?*

2. a) *Logo no início da crônica, o autor abusa dos adjetivos. Observe:*

*Depois de um dia cansativo, trabalhando, um chefe daqueles...no caminho de casa, só pensava na minha **bela** cama, **linda** que só ela, um travesseiro **fofo** e **confortável**. Nunca tinha ficado tão cansado na vida. Chegando no meu **perfeito** lar, dei um beijo em minha **querida** esposa e em meu filho Caio...*

*Refleta: Será que Alberto pensa em sua cama, em seu travesseiro, em seu lar e em sua esposa com o mesmo carinho que está pensando nesse dia? Na sua opinião, por que o autor usou todos esses adjetivos positivos para descrever o seu lar e a sua família?*

Com as questões do *Exemplo 2*, ao explorar o estilo individual do produtor do texto, tínhamos o objetivo de que o aluno intuitivamente passasse a considerar o todo e não apenas partes do texto na significação do adjetivo. Na questão (2a), especificamente, indicamos ao leitor a localização em que os adjetivos no texto, com o destaque em negrito. Dessa maneira, o aluno pode não só recuperar o trecho onde o adjetivo aparece, como também o seu funcionamento no texto como um todo. Ou seja, recriamos parte do seu contexto e, a partir disso, indagamos sobre o sentido que cada um desses adjetivos pode admitir em razão do seu uso.

Da mesma forma, procedemos com as últimas questões de análise (2b), (2c), (2d), a seguir. Com elas não apenas sugerimos a consideração de toda a crônica, mas também explicitamos que para “descobrir” o significado adquirido pelo adjetivo (2b), a razão de seu uso (2c), e o prejuízo de sua omissão (2e), o aluno terá de reler toda a crônica, observando cuidadosamente todos os fatos narrados pelo autor. Com estas questões, tínhamos o objetivo de conscientizar o aluno de que os adjetivos não possuem significados fixos, como etiquetas a serem coladas em lacunas pré-determinadas. Nossa preocupação estava em despertá-lo para o fato de é no contexto que o significado do adjetivo se constrói.

### *Exemplo 3*

*2 b) No segundo parágrafo, Alberto comenta Não posso lhe negar alguma coisa que lá vem esse temido “por quê?”. Releia a crônica e tente descobrir por que o pai classifica o “por quê” do menino como temido?*

*c) No sexto e no nono parágrafo Alberto julga-se inocente e iludido. Por que ele usa esses dois adjetivos para falar de si mesmo?*

*e) Suponha que alguém tivesse apagado o adjetivo tenebroso desse trecho e ele ficasse assim: Quando cochilava novamente, acordei com o grito que dizia: – Alberto cuide de seus problemas, não os mande para mim. E quando olhei para a porta estava lá, Caio andando devagar, como quem tem medo de ganhar alguma bronca das grandes. Diante dos fatos narrados ao longo do texto, qual dos dois trechos seria mais coerente com a história contada? Por quê?*

*3. Com base nos estudos realizados em sala de aula sobre o adjetivo, elabore uma definição para essa classe de palavras. Quando usamos, com que objetivo?*

Por fim, na última questão solicitamos a sistematização dos conhecimentos acerca do adjetivo adquiridos em sala de aula, constituindo, dessa maneira, uma questão metalinguística, que será melhor analisada no tópico a seguir.

## 5. Uma abordagem semântico-pragmática para o adjetivo

Para a inclusão do nível semântico-pragmático, elaboramos questões que se aproximam do que Travaglia (2003) denominou “gramática reflexiva”.

### *Exemplo 4*

1. c) *No início da crônica, o narrador faz uso de uma palavra para descrever como foi o dia de trabalho de Alberto. Que palavra é essa?*

Nessa questão, sem necessariamente citar a palavra adjetivo, induzimos o aluno a descobrir uma de suas propriedades – a qualificação. Questionamos qual palavra foi usada para descrever o dia do personagem, sem que para isso tivéssemos apresentado o conceito previamente.

Já na questão (2a) do *Exemplo 5*, é relevante destacar que introduzimos o termo adjetivo e afirmamos que muitos deles foram utilizados no trecho transcrito, como podemos constatar a seguir:

### *Exemplo 5:*

2. a) *Logo no início da crônica, o autor abusa dos adjetivos. Observe:*

*Depois de um dia cansativo, trabalhando, um chefe daqueles...no caminho de casa, só pensava na minha **bela** cama, **linda** que só ela, um travesseiro **fofo** e **confortável**. Nunca tinha ficado tão cansado na vida. Chegando no meu **perfeito** lar, dei um beijo em minha **querida** esposa e em meu filho Caio...*

*Refleta: Será que Alberto pensa em sua cama, em seu travesseiro, em seu lar e em sua esposa com o mesmo carinho que está pensando nesse dia? Na sua opinião, por que o autor usou todos esses adjetivos positivos para descrever o seu lar e a sua família?*

Nesta questão, o foco ainda permanece no seu sentido dos adjetivos. É interessante perceber nessa questão que existe uma preocupação em relacionar a adjetivação negativa e/ou positiva do personagem às situações vivenciadas por ele. Quando Alberto descreve o seu dia de trabalho ele se vale do adjetivo “cansativo”, já quando se refere ao seu lar, à sua cama, à sua esposa, ao seu travesseiro, usa adjetivos como ‘perfeito’, ‘bela’, ‘linda’, ‘querida’, ‘fofo’, ‘confortável’. Tal modificação relaciona-se diretamente com os sentimentos do personagem e nosso objetivo era fazer com que o aluno percebesse essa relação.

Para atingir este objetivo, portanto, valemo-nos dos postulados da semântica lexical, particularmente, dos conceitos de sinonímia e continuidade predicativa. Por compartilharmos da proposição de que a sinonímia é dependente do contexto e que dois termos são chamados sinônimos quando apresentam a possibilidade de se substituir um ao outro, consideramos que os pares sinônimos ‘bela/linda’, ‘fofo/confortável’ e os adjetivos ‘perfeito’ e ‘querida’ promoviam uma continuidade predicativa que se opunha diretamente ao adjetivo negativo ‘cansativo’, qualificador do trabalho de Alberto.

Nas questões 2b e 2c continuamos a questionar os sentidos dos adjetivos na crônica, com a diferença de perguntar ao próprio aluno por que Alberto qualifica dessa maneira as atitudes do filho e a si próprio:

*Exemplo 6:*

2. b) *No segundo parágrafo, Alberto comenta Não posso lhe negar alguma coisa que lá vem esse temido “por quê?”. Leia a crônica e tente descobrir por que o pai classifica o “por quê” do menino como temido?*

c) *No sexto e no nono parágrafo Alberto julga-se inocente e iludido. Por que ele usa esses dois adjetivos para falar de si mesmo?*

e) *Suponha que alguém tivesse apagado o adjetivo tenebroso desse trecho e ele ficasse assim: Quando cochilava novamente, acordei com o grito que dizia: – Alberto cuide de seus problemas, não os mande para mim. E quando olhei para a porta estava lá, Caio andando devagar, como quem tem medo de ganhar alguma bronca das grandes. Diante dos fatos narrados ao longo do texto, qual dos dois trechos seria mais coerente com a história contada? Por quê?*

Nas questões (2b) e (2c) indagamos sobre o uso dos adjetivos, e, em contrapartida, na questão (2d) indagamos sobre o apagamento de um adjetivo e o prejuízo dessa omissão, como já citamos na análise da seção anterior.

Mais uma vez nos valemos dos conceitos de sinonímia e continuidade predicativa para a elaboração das questões do *Exemplo 6*. Pelo contexto construído pelo autor, abordamos ‘temido’ e ‘tenebroso’ como adjetivos que constroem uma continuidade predicativa em torno das ações atribuídas ao filho Caio e, por isso mesmo, intencionalmente, questionamos se, diante desse nexos semântico criado, a omissão desse termo causaria algum prejuízo ao trecho e, por que não, à história como um todo.

De modo semelhante, questionamos a sinonímia criada pelos adjetivos ‘inocente’ e ‘iludido’, usados por Alberto para falar de si mesmo. Mais do que a construção de um par sinônimo em nível frasal, ‘inocente’ e ‘iludido’ trazem coesão e coerência ao texto como um todo.

Só então na última questão (3) falamos em conceito de adjetivo. No entanto, diferentemente do ensino tradicional de gramática, não apresentamos um conceito pronto de adjetivo e sim solicitamos ao aluno que elaborasse o seu próprio conceito com base nos estudos realizados em sala de aula.

*Exemplo 7*

3. *Com base nos estudos realizados em sala de aula sobre o adjetivo, elabore uma definição para essa classe de palavras. Quando usamos, com que objetivo?*

A partir destas questões, além de focalizar o sentido do adjetivo, chamamos a atenção do aluno para a provável intenção do personagem ao fazer uso do adjetivo, sugerindo, inclusive, que o seu significado pode variar de acordo com o contexto em que aparece.

Faz-se relevante destacar, neste momento, a aproximação desse comentário com os propósitos funcionalistas de que ao produzir uma situação discursiva, o indivíduo faz escolhas lexicais e estruturais de acordo com os seus objetivos para tentar conseguir sucesso na sua comunicação e, de alguma forma, atuar sobre os interlocutores.

Com as questões dessa seção, insistimos nas considerações acerca dos sentidos e da relação de sinonímia que os adjetivos podem vir a admitir em determinados contextos (semântica) quanto nas informações acerca de quem fala, para quem e com que intenção (pragmática), o que justifica o título do tópico: *Uma abordagem semântico-pragmática para o adjetivo*

## 6. Considerações finais

Conforme afirmamos inicialmente, nossa intenção, neste trabalho, foi descrever como a tentativa de inovação foi produzida em sala de aula por uma professora-pesquisadora de 8ª série de uma escola particular, empenhada em transformar sua prática pedagógica de ensino de gramática.

No âmbito da experiência realizada, identificamos e analisamos os postulados da semântica lexical, particularmente, a sinonímia e a continuidade predicativa, que auxiliaram na elaboração de uma atividade de leitura e análise linguística que garantisse uma inovação na abordagem dos recursos linguísticos. Conforme ilustram nossas análises, os diferentes modos de tentativa de inovação são constituídos por uma inter-relação de atividades e práticas múltiplas e heterogêneas, apresentando os seguintes traços comuns: desenvolvimento da análise linguística com as categorias da gramática tradicional, da gramática funcional ou linguística de texto, pela teoria dos gêneros textuais e, para o estudo de categorias da gramática tradicional, o aproveitamento dos modos de descrição/análise disseminados pela linguística, focalizando sobretudo a dimensão semântica da língua.

Fica evidente, sobretudo, a pouca relevância de se estudar listas isoladas de sinônimo, Como pudemos constatar nas análises, é na cadeia do texto que a sinonímia ganha importância, pois a palavra e seu sinônimo – ambos presentes – passam a constituir um elo, um nexos que marca a continuidade do texto. Há uma espécie de correspondência ou de aproximação que cria e sinaliza a continuidade necessária para se chegar a um texto coerente.

É na explicitação desse trabalho, ou seja, desses modos individuais de resolver um mesmo problema – produzir a inovação no ensino de gramática – que acreditamos residir a contribuição desta investigação para os estudos sobre formação de professores de língua materna. Considere-se que esses modos de agir, muitas vezes, não são reconhecidos, nem mesmo pelos próprios professores. Daí a importância de se reconhecer, de se compartilhar esses modos de ação nas situações em que, de fato, ocorrem, para irmos além da identificação de problemas que dificultam ou impedem a produção da inovação em sala de aula. Nesse sentido, pois, esperamos ter contribuído com o presente trabalho para uma reflexão sobre as possibilidades de ações docentes que representem tentativas de mudanças do modelo tradicional de ensino de gramática.

## Referências

ANTUNES, Irandé. **O território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula.

GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.

Halliday, M.A.K. **An introduction to functional grammar**. Londres, Baltimore, Md., USA: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. 2 ed. Oxford: Oxford University Press, 1989.

LOPES, I. C. e PIETROFORTE, A. V. S. A semântica lexical. In: FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à linguística II**: princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2004, p. 111-135.

LYONS, J. **Introdução à linguística teórica**. São Paulo: Nacional, 1979.

LYONS, John. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MAHER, T. M. O Adjetivo. Quem diria? Apontamentos para um Trabalho em Sala de Aula. In: **Trabalhos em linguística aplicada**, UNICAMP - SP, v. 9, n. 1, p. 85-89, 1987.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa. Brasília, 1997.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

ULLMANN, S. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. 5.ed. Lisboa: Fundacao Calouste Gulbenkian, 1987.

### Anexo (Atividade completa)

- Leia a crônica abaixo, escrita por um colega de vocês, e responda ao que se pede:

#### TEXTO

#### Coisa de criança

Depois de um dia cansativo, trabalhando, um chefe daqueles... no caminho de casa, só pensava na minha bela cama, linda que só ela, um travesseiro fofo e confortável. Nunca tinha ficado tão cansado na vida. Chegando no meu perfeito lar, dei um beijo em minha querida esposa e em meu filho Caio, que está naquela fase do “por quê?”. Não posso lhe negar alguma coisa que lá vem esse temido “por quê?”. Um dia desses pediu para ir brincar na rua, lhe neguei, aí veio a frase, como se por obrigação. Tentei cortar o mal pela raiz, dizendo: – Não, não e não, ponto final, não adianta insistir. Mas não me obedeceu, encheu tanto a minha paciência que estourei de raiva e permitir que fosse brincar. Quando cheguei na sala para tirar um cochilo, e já estava conseguindo meu objetivo, meu filho me acordou dizendo que queria me fazer uma pergunta. Eu disse – Ok, Caio! Que pergunta? E ele indagou: – Como eu vim ao mundo? Respondi: – Foi uma linda cegonha branca que lhe deixou em nossa porta, quando era bebê. Fazia pouco tempo que eu e sua mãe havíamos casado. Eu, inocente, achando que ele não iria intervir, me enganei. Terminando a minha resposta, ele me interrogou novamente: – Tem certeza, pai? Eu respondi: – Tenho sim meu filho. E ele, espontaneamente: – Por quê? Iludido, querendo interromper o interrogatório, falei: – Por que sim!

– Mas por que sim?

Sem paciência, aconselhei-o perguntar a sua mãe. Quando cochilava novamente, acordei com o grito que dizia: – Alberto cuide de seus problemas, não os mande para mim. E quando olhei para a porta estava lá, Caio andando devagar, tenebroso, como quem tem medo de ganhar alguma bronca das grandes. Com pena, tomei fôlego e comecei a explicar-lhe, dizendo: – A maioria dos casais depois de se casarem ganham um filhinho ou filhinha e depois que esses bebezinhos nascem, os papais vão buscar junto com suas mães nos hospital. Após terminar, Caio falou: Eu fui assim? Respondi: Sim, meu filho. E ele: – Mas o senhor ainda não respondeu a minha pergunta!

– Qual pergunta?

– Como eu vim ao mundo?

– Tá bom, meu filho. Você já é bem grandinho e merece saber a verdade!

– Que verdade, pai?

– Quando um homem e uma mulher estão apaixonados, eles se casam e a mulher engravida. Quando ela completa nove meses de gravidez, ela vai ao médico, que corta sua barriga e tira o bebê de lá de dentro.

– Comigo foi assim?

– Sim, meu filho!

Sem explicação Caio começa a chorar e no meio de seu pranto indaga:

– Mamãe é furada? Buááááá’...

Sem entender a situação, escuto um grito vindo da cozinha: – Alberto, seu doido, o que você fez?

(Autor: Aluno da 8ª série do ensino fundamental)

- a) Qual a história contada pela crônica?
- b) Vocês a consideram engraçada? Por quê?

c) No início da crônica, o narrador faz uso de uma palavra para descrever como foi o dia de trabalho de Alberto. Que palavra é essa?

2. a) Logo no início da crônica, o autor abusa dos adjetivos. Observe: Depois de um dia cansativo, trabalhando, um chefe daqueles... no caminho de casa, só pensava na minha **bela** cama, **linda** que só ela, um travesseiro **fofo** e **confortável**. Nunca tinha ficado tão cansado na vida. Chegando no meu **perfeito** lar, dei um beijo em minha **querida** esposa e em meu filho Caio... Reflita: Será que Alberto pensa em sua cama, em seu travesseiro, em seu lar e em sua esposa com o mesmo carinho que está pensando nesse dia? Na sua opinião, por que o autor usou todos esses adjetivos positivos para descrever o seu lar e a sua família?

b) No segundo parágrafo, Alberto comenta Não posso lhe negar alguma coisa que lá vem esse temido “por quê?”. Releia a crônica e tente descobrir por que o pai classifica o “por quê” do menino como temido?

c) No sexto e no nono parágrafo Alberto julga-se inocente e iludido. Por que ele usa esses dois adjetivos para falar de si mesmo?

d) No décimo segundo parágrafo, Alberto narra: Quando cochilava novamente, acordei com o grito que dizia: – Alberto cuide de seus problemas, não os mande para mim. E quando olhei para a porta estava lá, Caio andando devagar, tenebroso, como quem tem medo de ganhar alguma bronca das grandes. Por que Caio estava tenebroso? Por que ele teria medo de ganhar uma bronca das grandes? Que fatos narrados anteriormente justificam esse medo de Caio?

Suponha que alguém tivesse apagado o adjetivo tenebroso desse trecho e ele ficasse assim: Quando cochilava novamente, acordei com o grito que dizia: – Alberto cuide de seus problemas, não os mande para mim. E quando olhei para a porta estava lá, Caio andando devagar, como quem tem medo de ganhar alguma bronca das grandes.

Diante dos fatos narrados ao longo do texto, qual dos dois trechos seria mais coerente com a história contada? Por quê?

3. Com base nos estudos realizados em sala de aula sobre o adjetivo, elabore uma definição para essa classe de palavras. Quando usamos, com que objetivo?